



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GERSON ALBINO SCHUCH

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-543

Entrevistado: Gerson Albino Schuch

Nascimento: 22/01/1946

Local da entrevista: Residência do entrevistado, Porto Alegre, RS.

Entrevistador: Gustavo Bernardi

Data da entrevista: 15/04/2015

Transcrição: Thales dos Santos Medeiros Collar

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 21 minutos e 37 segundos.

Páginas Digitadas: 9 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início da carreira; Envolvimento com voleibol, basquete e punhobol; Voleibol no Rio Grande do Sul; Patrocínios; Eixo Rio-São Paulo; Conciliação entre treinos, estudo e trabalho; Preparação para os Jogos Olímpicos; Instalações; Cerimônias de Abertura e Encerramento dos Jogos Olímpicos; Crescimento do vôlei brasileiro; Repercussão da participação nos Jogos Olímpicos na sua vida e no esporte no Rio Grande do Sul; Orgulho de ser convocado para seleção brasileira de vôlei, basquete e punhobol; Palavras finais.

Porto Alegre, 15 de abril de 2015. Entrevista com Gerson Albino Schuch a cargo do pesquisador Gustavo Bernardi para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.B. – Bom dia Gerson! Como foi sua inserção no esporte? Já praticava voleibol ou iniciou em outro esporte?

G.S. – Iniciei simultaneamente, voleibol, basquete e punhobol. Punhobol é um esporte gaúcho de origem alemã, mas é muito praticado aqui na SOGIPA¹, em Novo Hamburgo na Ginástica², no Paraná e em Santa Catarina. Então foram os três esportes em simultâneo, basquete, vôlei e punhobol, em toda minha carreira, sempre gostando dos três e sempre jogando os três até pelas tantas eu não estou mais jogando punhobol, nem o basquete, agora estou jogando vôlei e inseri um outro que é o tênis.

G.B. – E nesse início, o senhor já citou muitos clubes a SOGIPA, o Novo Hamburgo, qual o clube que o senhor...

G.S. – Citei de todos os clubes gaúchos, joguei em praticamente todos eles, SOGIPA, Grêmio Náutico União, Cruzeiro³, Grêmio Porto Alegre⁴, Navegantes São João⁵, seleções gaúchas de todos esse três esportes, seleção brasileira dos três, e é uma coisa de sangue sabe, tipo um vírus no sangue, o cara gosta do esporte e pratica e vai embora.

G.B. – E nessa época ai teve algum técnico que te iniciou ou todos eles...

G.S. – Todos eles, eu não posso citar, no início dezenas, uns no início mais simpáticos, outros melhores tecnicamente e alguns de altíssimo nível na seleção que passei por alguns o Paulo Mata⁶, o Célio Cordeiro⁷ que são de nível internacional no voleibol, e no punhobol, nos tínhamos aqui pessoas talvez menos categorizadas, mas não e nem menos

¹ Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

² Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo.

³ Esporte Clube Cruzeiro.

⁴ Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

⁵ Sociedade Ginástica Navegantes São João.

⁶ Nome Sujeito a confirmação.

⁷ Célio Cordeiro Filho.

eficientes, são gaúchos que se destacaram também no basquete e no punhobol. Outros treinadores também que participaram e cada um com seus méritos e com suas particularidades.

G.B. – E sua família te apoiava?

G.S. – Sempre! Toda minha família, pai e mãe eram atletas, meu pai sempre foi de atleta de todas as modalidades de esporte, minha mãe também, então tinha todo um apoio familiar e muito firme, muito dedicado e que sempre entenderam e vibraram juntos.

G.B. – E nesse início quando tu se dedicaste somente ao voleibol, tu enxergas como o voleibol no Rio Grande do Sul?

G.S. – Eu não parei para me dedicar só ao voleibol, eu tive que fazer escolhas, e aonde eu me orgulho, no mesmo ano em 1967 eu fui beneficiado por ser escolhido por três seleções brasileiras de esportes diferentes num mesmo ano, um mundial de punhobol na Alemanha, para os jogos luso-brasileiros de basquete na seleção brasileira e para um Pan-Americano⁸ em Winnipeg no Canadá pelo vôlei, então eu larguei o basquete, e fiquei com o vôlei e o punhobol até que larguei o punhobol e fiquei mais com o vôlei que eu jogo até hoje, tanto que é que hoje dia 17⁹ estou embarcando para Santos, disputar o brasileiro da serie máster com a equipe gaúcha reforçada com um ou dois atleta de São Paulo ou Minas, só que na categoria Master, desde aquela época, estamos falando 1967 até 2015 eu não parei nunca de jogar e vejo o voleibol aqui no Rio Grande do Sul com altos e baixos agora com boas equipes na Liga A, na Liga B e sempre foi um seleiro de atletas de altíssimo nível pelo biótipo do Voleibol, e me sinto um pouco responsável por esse incentivo e por ter aberto caminhos, eu o Marco¹⁰, o Renan¹¹ que foi outro expoente gaúcho e Marcos Vinicius¹² e outros ai que também jogaram comigo na seleção e abriram caminhos agora para outros gaúchos serem convocados.

⁸ Jogos Panamericanos ocorrido em 1999.

⁹ 17 de abril de 2015.

¹⁰ Marco Antônio Volpi.

¹¹ Renan Dal Zotto.

¹² Marcus Vinicius Freire.

G.B. – E nessa época tu recebeste algum patrocínio para praticar e viajar?

G.S. – Na época que eu jogava o esporte era profissionalismo marrom, se chamava, quer dizer o seguinte tu poderia receber dinheiro por fora, e nunca as claras, o que já tinha e olha lá era o pagamento das passagens para se deslocar até São Paulo e no Rio¹³ para treinar, fora isso, tu não tinha dinheiro, tinha uma pequena ajuda de algum clube ou outro para alimentação ou fardamento. E o profissionalismo se chamava marrom, alta ganhava, mas não podia declarar, não era como é hoje que tu tens contrato, tens que cumprir horários e tem cláusulas que beneficiam tanto o empregador, patrocinador, quanto o atleta. Na minha época não tinha remuneração, não oficial pelo menos.

G.B. – E em 1967, tu se lembras se tinha mulheres praticando e se era algo bem visto?

G.S. – Sempre teve mulheres, sempre teve o masculino e feminino e o Brasil sempre se destacou, e justamente com Cuba, com o Peru que eram as adversárias do Brasil, sempre ficavam entre as três que eram na América do Sul. Brasil e Peru, eram com as três Américas eram as duas e Cuba e os Estados Unidos que tinham equipes muito boas de voleibol feminino.

G.B. – E nessa época tu sentiu alguma dificuldade por estar fora do eixo Rio-São Paulo?

G.S. – Sempre, esse é um estigma que o gaúcho sente por estar muito fora do eixo, só que de alguma forma eu consegui superar isso, ficando amigo dos atletas, participava, tinha histórias boas, vários carnavais. Então eu consegui me integrar perfeitamente, tanto é que eu sou muito amigo dos atuais treinadores do Bernadinho¹⁴ e do Zé Roberto¹⁵, do Ary¹⁶ que é atual presidente da confederação, do Sérgio Farias, todo o pessoal eu sou amigo desses paulistas, e bem como eu disse, eu me dou com todos esta turma porque eu nunca fiz rivalidades, só que quando eu era convidado a jogar em São Paulo pela engenharia, por estar estudando engenharia, eu resolvi ter uma vida paralela voleibol e engenharia, e é isso

¹³ Rio de Janeiro.

¹⁴ Bernardo Rocha de Rezende.

¹⁵ José Roberto Guimarães.

¹⁶ Ary Graça.

que tu tá vendo aqui uma firma de engenharia que incomoda muito mais do que jogar voleibol.

G.B. – Como tu conciliavas jogos, treinos e estudar?

G.S. – Da seguinte forma, eu trabalhava e a CORSAN¹⁷ me liberava, porque a CORSAN era uma estatal que podia ter o benefício que fosse olímpico, apresentava o atestado e estava liberado e na faculdade eu sempre tive a compreensão dos professores por estar defendendo o estado e o Brasil, eu não tinha a facilidade de passar, mas tinha a facilidade de fazer as provas em outras épocas que não estivesse treinando ou viajando, quando eu vinha eu fazia prova de primeira época, prova de segunda época e prova de terceira época, era uma prova só o negócio, sempre só me davam o benefício de fazer depois, neste ano de 1967 eu cheguei a passar oito meses viajando pelo mundo e em 1968 a mesma coisa. Então era muita coisa era ano olímpico o nosso time foi treinar em Campos do Jordão¹⁸, ficamos dois meses fora, no ano olímpico ficamos treinando dois meses, mais um mês de viagem ao México, então foram três meses de estudo que eu perdi. Então quando eu voltava eu tinha que recuperar sempre duas matérias para primeira época e outras para segunda época que existia. Tinha compreensão dos professores com um atleta olímpico que tinha um passado e tinha um prestígio para isso.

G.B. – E antes dos jogos, já que tu falou sobre Pan-Americano, eu queria que tu falasse sobre títulos e as suas vitórias antes das olimpíadas¹⁹.

G.S. – Eu sempre fui, eu sou multi-campeão cidadão, estadual, brasileiro de todos esportes, eu sempre ganhei muito eu não poderia me lembrar, eu só lembro dos títulos melhores, segundo lugar no mundial de punhobol, segundo lugar em torneios internacionais com voleibol do Brasil, segundo lugar no pan-americano de Winnipeg, campeão sul-americano em Bucaramanga na Colômbia e mais um ouro sul-americano que participei e outros títulos no basquete. Estaduais ganhei todos durante muitos anos

¹⁷ Companhia Rio Grandese de Saneamento.

¹⁸ Cidade de São Paulo.

¹⁹ Jogos Olímpicos.

citadino, essa coisa toda tem uma história, são caixas e caixas de medalhas que eu nem tenho espaço pra guardar tanta coisa, porque eram três esportes.

G.B. – E agora sobre a olimpíada, como que foi a tua preparação para ir para os jogos e como tu foi convocado?

G.S. – A preparação, primeiro tu tem que se destacar em campeonatos nacionais, ou em um sul brasileiro ou brasileiro e eu sempre tive isso, desde o juvenil que eu comecei o primeiro campeonato brasileiro em Juiz de Fora em 64, não me lembro o ano, a partir daí eu já era destacado como um atleta de ponta, destaque maior. Ai tu começa a chamar a atenção dos treinadores e pra 1967, a primeira convocação eu me preparei muito bem, fazia treinamento de segunda a segunda, três a quatro horas por dia, e ai eu estava em uma boa forma, com um bom desempenho, sempre fui mais ou menos tático. Eu era mais ou menos um jogador completo, não era só cortador, nem levantador, nem ponta, nem defesa, eu fazia de tudo um pouco bem, e isso era importante para equipe, porque as vezes tu precisa trocar. Naquela época era tipo um Renan, que faz tudo direitinho, o Bernard²⁰. Agora são especialistas, o cara só corta na ponta, o outro é só libero e outro só levantador, e eu fazia todas as posições razoavelmente bem. Então a preparação é por destaques internacionais ai o treinador te chama.

G.B. – E tu lembra o nome do treinador que te chamou?

G.S. – Paulo Mata, pela primeira vez, não pela primeira vez Célio Cordeiro foi o primeiro treinador, treinamos por bastante tempo. O Paulo Matta era outro da confederação e depois passei por outros treinadores que estão agora dando aulas de voleibol, são professores, são dirigentes que tem uma história no voleibol do Brasil.

G.B. – Como eram as instalações olímpicas, alimentação, transporte?

G.S. – Eu sempre adorei, e sou louco por isso, eu acho o maior espetáculo da terra, não existe uma coisa mais linda do que uma Olimpíada, é mais bonito do que um espetáculo de circo, do que um cabaré, é mais bonito do que um carnaval no Rio, é um negócio

²⁰ Bernard Rajzman.

maravilhoso. A congregação de todo mundo, a alimentação passa a ser secundária, sempre é boa, são muitos restaurantes, os hotéis são bons, as camas são confortáveis, sem luxo, mas tudo com o que tu precisa. Mas o mais importa é estar no meio de atletas de ponta do mundo todo, então nunca me importai muito se era na Alemanha, em Munique que era salsicha ou se era no México que era a coisa mais apimentada, sempre isso ai funcionou bem como atleta, tu está lá com o espírito de jogar de participar e de ganhar. Então, essa parte complementar nunca foi problema em nenhuma olimpíada e continua não sendo, porque a preparação e a tecnologia usada é coisa de outro mundo. Então não tem como fazer uma olimpíada se não tiver as mínimas condições de apartamento de sedes, de quadros de restaurante, tinha para todo mundo, qualquer pessoa do mundo que gostasse de alguma coisa em todas elas tinha aquele restaurante especializado naquilo.

G.B. – E tu chegou a participar da Abertura e do Encerramento?

G.S. – Sempre participei porque eu vou no inicio e fico até o fim, curtição. Acho mais bonito a abertura do que o encerramento, no encerramento tu chora porque tá terminando e na abertura tu te deslumbra pela abertura pelo hino nacional. Tu entrando no estádio, tanto é que todas as olimpíadas depois das que eu participei, no México²¹ e em Munique²², eu assisto a abertura, assisto os jogos, assisto o que eu posso de qualquer jeito.

G.B. – E em suas participações teve alguma experiência negativa?

G.S. – Nenhuma, a não ser um episódio no México que o treinador pediu para treinar de mais, e os atletas estavam esgotados. La pelo oitavo jogo, porque em uma olimpíada tu treina de manhã para jogar de tarde, só que são oito dias às vezes dez seguidos, daí às vezes tu sai esgotado, porque são partidas duríssimas e teve um episódio desagradável que os atletas se reuniram e queriam fazer uma recreação com futebol e foi sugerido que fosse treino duro, e tu vinhas a três meses treinando em estresse entre a direção e os atletas, mas foi um estresse superado depois sem problema nenhum, foi um estresse por uma questão de entendimento, o treinador querendo mais treino e os atletas querendo mais “relax”.

²¹ Jogos Olímpicos de 1968.

²² Jogos Olímpicos de 1972.

G.B. – E teve mais alguma coisa que te marcou?

G.S. – Não. Marcação é o seguinte, tudo marca, tu jogar contra a Polônia ou a Rússia, ou jogar contra o Japão que tem um jogo rápido, ou tu jogar contra a Rússia que tem muita força e tu fazer um bloqueio marca, nesse atleta. Nessa época o Brasil não estava no auge como agora, nós estávamos no segundo grupo os países da cortina de ferro²³, eram top a Rússia, Polônia, Tchecoslováquia, Bulgária esses eram top do voleibol no mundo em 1965, depois teve Japão, teve Estados Unidos. Ai o Brasil passou a estar entre os cinco e agora esta entre os 3 do mundo. Então naquela época jogar contra um país da cortina de ferro era o top, porque aquilo era um, tu chegava e eles já tinham novas tecnologias e não havia intercambio como é hoje, nós conseguíamos jogar aqui contra Cuba e Estados Unidos, mas quem mandava no voleibol naquela época era a Rússia.

G.B. – E qual era a diferença?

G.S. – A diferença era o seguinte, houve o crescimento, houve profissionalismo o Nuzman²⁴, presidente do comitê não deixou os atletas irem para Itália manteve aqui, apareceu clubes com dinheiro ai tu mantém o atleta, já tem o biotipo, já tem a malandragem do brasileiro tu cresceu e ficou nivelado, daí o Brasil pode jogar com qualquer país, ganhar ou perder, mas ele está no topo entre os 3 ou 4 e nunca vai sair dali, pelo menos porque ganha infantil, ganha de areia, ganha feminino, ganha quadra, ganha trio, ganha sub-21 ganha tudo e ganha máster inclusive, a gente vai para máster todo mundo e apresenta sobre aqueles e nós ficamos entre o primeiro, segundo, terceiro também.

G.B. – Qual a repercussão dos jogos olímpicos em sua carreira?

G.S. – Praticamente nenhuma, a não ser as amizades, praticamente onde eu vou encontro atletas ou ex-atletas ou pessoas que jogaram comigo que eu nem conheço nos clubes todos, e vem aquela lembrança toda e o divertimento que isso dá, agora eu consigo jogar com qualquer um, pelo “up grade” que treinar em uma brasileira te dá. Tu tem muito mais

²³ Referência os países do Leste Europeu no período da Guerra Fria.

²⁴ Carlos Arthur Nuzman.

facilidade, tu treinou muito, tem muito mais controle então tu consegue jogar em qualquer nível, eu jogo em qualquer idade brincando, eu posso levantar, porque eu sei mais coisas que o pessoal que fica só jogando a nível citadino, estadual não consegue ter esse treinamento intensivo e saber jogar com os melhores do mundo, daí tu pega isso é uma coisa por osmose, tu pega e não desaprende igual a bicicleta.

G.B. – E no Rio Grande do Sul, tu acha que a tua participação, teve alguma diferença?

G.S. – O Rio Grande do Sul sempre teve atletas de primeiro nível, nós sempre fomos bem em brasileiros, por esses nomes Marco Volpi, Vitor Hugo²⁵, Julio Volpi²⁶, Renan, Marcos Vinicius teve muitos atletas no Rio Grande do Sul que se destacaram em nível nacional mais os atuais é lógico, da ULBRA²⁷. Então teve muitos atletas que sempre se destacaram que são amigos, nós somos amigos todos, então sempre o Rio Grande do Sul se beneficiou porque é uma turma que joga a nível nacional e internacional, isso é indiscutível tu jogar um campeonato da cidade e do interior, numa brincadeira de jogar nacional e internacionalmente tu esta prestigiando o estado, tanto é que tu fotografasse um quadro ali de grande laureado no estado do Rio Grande do Sul, eu tenho carteira, tenho honra ao mérito, por ter participado, como é feito em todo mundo, os atletas olímpicos são prestigiados, porque são poucos que atingem esse degrau na carreira.

G.B. – E depois tu continuou competindo? Qual a tua profissão?

G.S. – Sempre competindo e sempre na engenharia e sempre no saneamento, que tu viste aí um pouco da movimentação, tenho uma firma de engenharia, trabalho para o estado na CORSAN, faço obras e como eu lhe disse á pouco jogar vôlei é fácil, o difícil é engenharia, mas eu sempre gostei, eu aliei o trabalho da engenharia com o esporte. Eu saio daqui e vou treinar, me preparo fisicamente, cuido da alimentação, faço tudo pra continuar jogando no máster, que é minha categoria, então tu joga com teus pares, que são do mesmo nível teu, com a gurizada é mais difícil.

²⁵ Nome sujeito a confirmação.

²⁶ Júlio César Volpi.

²⁷ Universidade Luterana do Brasil.

G.B. - Teve alguma coisa que não perguntamos e que gostaria de contar?

G.S. – Eu gostaria de falar realmente, o que me orgulha não é ser melhor que ‘a’, ‘b’, ‘c’ ou ‘d’, mas sim ser convocado por três esportes diferentes, ser convocado por uma seleção brasileira é para dar orgulho a qualquer um, e não sei se existe alguém que tenha feito isso. Tinha o Calunga²⁸ que era um baita atleta de vôlei e de basquetebol, mas não jogava punhobol, e pode ter outros que sejam bons em um esporte e em outro, mas três esportes diferentes em um mesmo ano ir para três seleções, isso me orgulha muito, não por ter sido um bom levantador ou cortador, mas ir pra seleção em três esportes diferentes que são muito prestigiados o vôlei e o basquete são olímpicos, o punhobol não, mas é muito prestigiado também no Rio Grande do Sul e no mundo todo.

G.B. – Muito obrigado Gerson, o Centro de Memórias do Esporte agradece !

[FINAL DA ENTREVISTA]

²⁸ Nome sujeito a confirmação.